

Entrevista com o Presidente da Eusidic, Harry Collier

Aquando da realização em Lisboa, em Outubro de 1982, da Conferência Anual da EUSIDIC—European Association of Information Services, aproveitámos a oportunidade para entrevistar o respectivo Presidente, Harry Collier.

Trata-se de um pequeno depoimento de um especialista altamente conceituado no meio, conhecido pelas suas opiniões polémicas, mais uma vez aqui reveladas.

CADERNOS — *Na fase actual de desenvolvimento do nosso país é preferível recorrer a sistemas estrangeiros ou tentar criar sistemas próprios?*

HARRY COLLIER — Quanto a esta primeira questão — depender de serviços estrangeiros ou desenvolver serviços próprios, portugueses — penso que um princípio de economia vai determinar a existência de apenas uns três serviços bibliográficos *on-line* por continente. Penso que este assunto está razoavelmente bem tratado no meu artigo «The politics of European Information», inserto no *Monitor*. (a)

C — *Considera fundamental a existência de uma política nacional de informação?*

HC — No que respeita a políticas governamentais de informação, é interessante verificar que países como a Grã-Bretanha, os Países Baixos, a Suíça e os Estados Unidos da América, não têm propriamente uma política nacional definida. Se de facto consideramos a informação como um produto útil, então não deveria ser necessário o seu planeamento a nível governamental tal como acontece com qualquer indústria. O papel dos governos deveria ser o de dar o exemplo, recorrendo aos serviços de informação e de equipamento ao fornecê-los.

Assim, dando o exemplo, caminhando na vanguarda da

eficiente utilização da informação seria uma forma de incitamento para os outros. Os governos deveriam afirmar «acreditamos na utilização da informação» e não «acreditamos que devem utilizar a informação». Devo dizer-lhe que esta questão foi tratada num artigo do *Monitor* (Fevereiro de 1982) intitulado «Who needs a national information policy?»

C — *Qual o papel que podem desempenhar os grupos de utilizadores on-line?*

HC — Os grupos de utilizadores *on-line* podem desempenhar um papel fundamental quer na formação profissional quer agindo como grupo de pressão. Em termos de formação, os membros mais experientes podem ajudar, acompanhar e formar os novos membros particularmente no que respeita a sistemas, serviços e bases de dados a utilizar. Quanto à pressão que podem exercer, um dos alvos principais dos grupos de utilizadores são normalmente os CTT, lutando habitualmente — e muitas vezes com sucesso — por tarifas mais baixas e melhores produtos.

Os grupos nacionais de utilizadores têm também conseguido, junto dos sistemas centrais (*hosts*) e dos produtores de base de dados, a introdução de alterações. Obviamente, um grupo formal de utilizadores tem mais sucesso nesta área do que utilizadores individuais, fazendo tentativas separadamente.

C — *Importa-se de explicitar melhor o significado da sua afirmação «Information must be used to be useful»?*

AC — Esta minha afirmação na Conferência da EUSIDIC foi uma tentativa para combater o ponto de vista frequentemente expresso de que a informação tem valor em si mesma. Creio que os grandes bancos de informação não têm qualquer valor intrínseco se a informação não for bem utilizada. Particularmente na Europa, parece-me que se tem posto a tónica na produção e armazenamento da informação com prejuízo da sua utilização numa perspectiva criadora.

Os europeus — contrariamente aos japoneses — gastam mais tempo a preocupar-se com a língua e as origens nacionais da informação do que com a maneira de a utilizar eficientemente. Daqui a minha convicção de que a informação só tem valor: primeiro, se for potencialmente útil; segundo, se for utilizada. De outro modo, é como se fosse um aparelho de televisão numa aldeia africana a quilómetros de distância de tudo, onde não há electricidade. Parece-nos, pois, que deveríamos concentrar os nossos esforços na utilização eficiente da informação e preocuparmo-nos menos com a sua produção.

THE POLITICS OF EUROPEAN INFORMATION: RITUAL SUICIDE?

In the on-line information scene in Europe, practically all access to publicly available on-line information is via usage of Lockheed, SDC, DRI, *BLAISE*, *SIMDIM*, *Télésystèmes*, *IRI* (in random order). The total market at this moment is not known or ascertainable with any degree of certainty, but an intelligent guess would put it at around \$10 million per year. (...)

So the pool starts with \$10 million. From this, data-base producers will receive around \$2.5-3 million in rights and royalties, so our pool shrinks to around \$7.5 million. It is practically certain that, at present, Lockheed and SDC between them take around two thirds of this — or \$5 million — so, at the best, other host systems share around \$2.5 million per year.

Now let us look at costs. «What is the cost of a computer facility?» is rather like asking «how big is “a lot”?» Indeed, some government facilities have been known to swear that the cost of the facility is out of pocket costs — which turn out to be coffee, a night caretaker, new signboards, new stationery and the cost of a new set of rubber stamps. But not all of us are blessed with a world of nominal rents, start-up grants and free on-tap expertise, so let us try to arrive at an order-of-magnitude costing for a European computer facility capable of offering large data files online to a large body of users; figures vary enormously from country to country and from facility to facility, but I do not think we are going to be far out.

a) COLLIER, Harry — *«The politics of european information: ritual suicide?»* Monitor, Oxford, (8) Sept. 1981, p. 10-11.

N.R. — *Para melhor compreensão da posição do entrevistado, transcrevem-se as passagens mais significativas.*

A suitable cpu with peripherals, storage and maintenance comes out at around \$430,000 per year, even if we keep all the equipment unchanged for four years (a dangerously long period in a growing business market and in an era of rapid technological change). Our personnel team of four people (which will not permit 24-hour operation or a 6-day week) will cost us around \$100,000 per year, given that inspired computer facility managers do not come cheaply. Finally, our building and its refurbishing and maintenance will cost us around \$25,000 per year. In total, our minimum configuration for an 8 hours per day, 5 days per week facility with no back-up or room for expansion will, at current market prices, cost us *at least \$555,000 per year and we have not yet even touched the software problem!*

The software problem is well known; there are few softwares in commercial operation with a proven ability to process large bibliographic files. Software development or modification on this scale is hideously expensive.(...) So I do not know what figure to add to our equation for software — either leasing, purchase, development or modification but, for the sake of simplicity, we will add a low \$145,000 per year to bring us up to a nice round \$700,000 per year.

If we do some simple sums, the \$2.5 million pool of revenue (after royalties) will enable Europe currently to support — in theory — three and a half online facilities at a maximum. Since our \$700,000 per year is almost certainly low (Infoline got through \$3.5 million before it even started working), I feel that, economically, it is perfectly plain that Europe can, at present, support no more than two *additional* major online hosts. The USA has three in total, one of which had grave financial problems.

I do not remember whether Euronet-Diane currently envisages twenty European hosts or whether the number has gone up to thirty; all I know is that the European scene is economic lunacy, and I do not think, on reputable figures, anyone could prove otherwise.

Thus it is that, with few exceptions, all actual or envisaged European hosts are either wholly or basically government run or financed. This, in itself, is hardly surprising — given the ascertainable costs and the calculable market and potential market shares, no commercial organisation can possibly see a return on its investment for many, many years. So, in the absence of commercial ventures, national governments have stepped in.